

EPIMELEIA HEAUTOU E IDENTIDADE HOMOSSEXUAL: UMA PERSPECTIVA NA FILOSOFIA DE MICHEL FOUCAULT

Willian Giovanne Oliveira Praxedes⁵⁸

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo, discorrer sobre as atitudes e atividades de subjetivação no processo de aceitação e autoafirmação dos sujeitos homossexuais a partir do pensamento de Michel Foucault que desenvolve esse conceito processual em vista do cuidado de si; para tal, faz-se necessário esclarecer o tema da *epimeleia heautou*, que seria o cuidado ou ocupação de si, e *paraskeué*, conjunto de práticas e exercícios na constituição do indivíduo como pessoa, para que, de maneira processual, os indivíduos consigam subjetivar-se processualmente. Recorrendo ao método de revisão bibliográfica e histórico-crítica, com leituras e análise de artigos e obras de Michel Foucault, principalmente a *História da Sexualidade*, esta pesquisa, trata sobre o tema da sexualidade que se configura com algumas dificuldades nos dias atuais, dado que na história linear há muito fixou-se no perfil do masculino e do feminino, padronizados histórico e culturalmente, privando os sujeitos da constituição da própria identidade. Por isso há que considerar a urgente necessidade de pesquisar e refletir acerca deste tema que versa sobre a realidade do sujeito, a ocupação de si mesmo, possibilitando um caminho de encontro a própria existência, desenvolvendo seus processos de subjetivação.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade. Epimeleia heautou. Paraskeué.

1 INTRODUÇÃO

O contexto atual e os discursos sobre a sexualidade ainda são cercados de ambiguidades. Desde dos primórdios das sociedades a vivência da própria subjetividade é marcada por restrições e questões de ordem externas ao indivíduo que priva sua liberdade nos mais diversos aspectos da vida. É nesse espírito de investigação que a pesquisa se apresenta, busca levantar questões, provocando reflexão acerca desta temática a partir da perspectiva filosófica de Michel Foucault que, na *História da sexualidade*, trabalha com esta linha de pesquisa, retomando conceitos gregos como os de *epimeleia heautou* e *Paraskeué*, que seriam, respectivamente, o cuidado de si e as práticas e exercícios em vista da subjetivação do indivíduo.

⁵⁸ Discente do Curso de Licenciatura em Filosofia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Membro do Projeto de Pesquisa: Investigação sobre *Parástema*, *Paraskeué* e *Parresia* na filosofia de Michel Foucault. E-mail: w_giovanne@hotmail.com.

Os sujeitos homossexuais passam pela negação, aceitação e afirmação. Nesse caminhar, pode-se buscar, no âmbito do social e do pessoal como se daria hoje um “itinerário” para os sujeitos no que se refere à sexualidade e mais especificamente ao grupo homossexual, visto que na sociedade binária, o perfil de *homem* e *mulher* estão pré-fixados, padronizados, linearmente definidos. Deste modo, há a exigência dos indivíduos estarem lutando nessa dinâmica existencial.

Contudo, sendo esses sujeitos homossexuais minoria em nossa sociedade, cabe a eles e aos seus respectivos movimentos reivindicar sobre suas vidas e vivências, como pelo direito de existir e resistir. Não se encobrimo de decência e de passividade perante uma história linear marcada de preconceitos e violências contra essa comunidade. Por isso, a necessidade de se discutir e criar meios e exercícios que facilitem o processo de aceitação de si, permitam a clareza de sua identidade possibilitando um caminho de encontro à própria existência, vivenciando uma história efetiva e desenvolvendo nesta história seus processos de subjetivação.

2 A CONDIÇÃO HOMOSSEXUAL NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE: UM RECORTE HISTÓRICO

No decorrer de todo período histórico das civilizações, a sexualidade entre os diversos sujeitos não era debatida, nem questionada, no entanto, ao contrário de hoje, os indivíduos tinham uma maior liberdade para desfrutar seus desejos sexuais. Assim, a relação homossexual era presente na história dos sujeitos.

Muito embora, a necessidade de reflexões sobre tal abordagem se sobreponha como tema na atualidade. Desde os primórdios, tanto a relação heterossexual quanto a homossexual, eram recorrentes e experienciada de forma livre; todavia, com o passar do tempo, esse tipo de vivência acabou se tornando uma questão moral, sendo banida e esquecida perante a sociedade em geral, fazendo com que os sujeitos que tinham sua liberdade sexual, se tornassem, agora, excluídos e marginalizados, restando a eles a passividade, o medo de se expor, o silêncio e o sigilo.

Desse modo, todas as práticas não autorizadas, em específico as práticas homossexuais, só teriam lugar na clandestinidade, em lugares circunscritos e através de linguagens codificadas;

fora daí o puritanismo dominava e reprimia (FOUCAULT, 1976, p. 10). A repressão, surge então, como uma peste que impossibilita o indivíduo de sua própria subjetivação.

As evidências das práticas sexuais no ocidente, a partir do século XVII, são marcadas assim, por resistências e disfarces (FOUCAULT, 1976, p. 09), e a família foi responsável por “ditar a regra”, sendo instrumento social de controle, funcionando como instância da organização social em uma escala menor e mais objetiva, impondo um modelo, um padrão que, historicamente foi estabelecido, e deveria ser perpetuado, funcionando como dispositivos de controle.

Este fundamento opera no desaparecimento, na afirmação de inexistência dos sujeitos e na descrição sigilosa até se passar como uma questão que não há nada para se dizer, nem para ver, nem para saber. Todo tipo de prática sexual, principalmente, no que se refere à homossexualidade é excluída de todo e qualquer discurso de propagação, trata-se de uma fala atravessada de preconceitos e dilemas que atravessam esses indivíduos.

2.1 O Século XVI e seguintes: a sexualidade colocada em discussão.

No Século XVI havia todo um sigilo e discrição quando o assunto era o sexo, se estendendo por volta do século XVIII. Esse mecanismo começa a se inverter em um processo repentino de propagação, assim como menciona Foucault:

A partir do fim do século XVI, a “colocação do sexo em discurso”, em vez de um processo de restrição, foi, o contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa, mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfos e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou – sem dúvidas através de muitos erros – em constituir uma ciência da sexualidade (FOUCAULT, 1976, p. 17-18).

Por conseguinte, vimos que todas as medidas restritivas, juntamente com regras de decência que devia funcionar impedindo a construção e disseminação a saber do sexo, veio a provocar de forma contrária, gerando uma certa curiosidade entre os povos, de modo que, em sua maioria, a sociedade nunca se ocupou em pensar e refletir sobre essa temática que até os dias atuais pode se denominar como um grande paradigma para muitos. Porém, com a

intensificação dos discursos, muitos pré-conceitos errôneos, tendo em vista, que foi o início de um diálogo entre os povos sobre essa questão, como nos pontua Foucault, a saber: “[...] talvez nenhum outro tipo de sociedade jamais tenha acumulado, e num período histórico relativamente tão curto, uma tal quantidade de discurso sobre o sexo” (1976, p. 34).

Portanto, o que se faz essencial diante de todo esse processo é reconhecer a necessidade de superar todos os discursos avessos e moralistas. Conforme o pensamento do filósofo francês, deve se falar do sexo não somente nas surdinas, mas sim publicamente, de modo que não seja determinado como algo permitido ou velado, mas que ultrapasse as definições sempre voltadas à perversidade, inserindo-o nos campos sociais como uma utilidade regular para todos, pois o “sexo não se julga apenas, administra-se” (FOUCAULT, 1976, p. 27).

Toda essa vertente se estende até o século XVII de forma que o sexo se torna questão de “polícia”, não de maneira repressiva do Estado, mas como uma forma de fortalecimento e esclarecimento das questões que, por muito tempo, foram tidas como obscuras, esquecidas e que passa a ser compostas por diversos campos facultativos. De modo que a “polícia” do sexo seria a própria sociedade com a necessidade de suprir uma deficiência que perpassa grande parte da história da humanidade em regular por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição (FOUCAULT, 1976, p. 28), pois é por meio da escuta e da reflexão, provocados por esses enunciados, que atingiremos o conhecimento e conseqüentemente um respeito mútuo entre os diversos povos.

Dada de certa forma uma maior compreensão entre os povos, após ter passado por diversos mecanismos de repressão e ser associado a rituais de libertinagem estéril dos ricos, a prática discursiva do sexo passa a ser vista de outra maneira; e, pela sua primeira vez, a sociedade relaciona o seu futuro não somente a regras e virtudes, mas também ao modo de como cada indivíduo usa o seu sexo, ou seja, a conduta sexual dos povos que antes era silenciada e passa a ser agora um objeto de análise e alvo de intervenção (FOUCAULT, 1976, p. 29).

As barreiras e construções de impossibilidade do sujeito homossexual, por não ter força nem vez na sociedade, sobrepõe a sua liberdade que acaba por ser estagnada no decorrer do tempo, tendo ele que lidar com toda a angústia desses mecanismos de opressão, impossibilitando-o, ao exercício de sua liberdade de sujeito participante de um mundo plural e

diverso. Assim, na medida em que a sociedade vai avançando, os dilemas deveriam ser superados, no entanto, não é isso que parece acontecer.

3 OS CONCEITOS DE *EPIMELEIA HEAUTOU* E *PARASKEUÉ*

Percebendo no sujeito a necessidade de um projeto de subjetivação e ao conciliar com os conceitos gregos utilizados pelo filósofo, sendo eles *Epimeleia Heautou* – cuidado de si – e *Paraskeué* – práticas e exercícios –, com a perspectiva de possibilitar ao sujeito homossexual um olhar para si mesmo, retornar a si, “cuidar de si” e dar conta de sua própria existência, para consigo mesmo e para com os outro, percebendo que nunca é cedo demais ou tarde demais para ocupar-se com a própria alma (FOUCAULT, 1984, p. 54).

Sobre *Epimeleia Heautou*, segundo o pensamento de Foucault, ele afirma que:

O termo *epimeleia* não designa simplesmente uma preocupação, mas todo um conjunto de ocupações; trata-se de *epimeleia* quando se fala para designar as atividades da dona-de-casa, as tarefas do príncipe que vela por seus súditos, os cuidados que se deve ter para com um doente ou para com um ferido, ou ainda as obrigações que se presta aos deuses ou aos mortos. Igualmente, em relação a si mesmo, a *epimeleia* implica um labor. (FOUCAULT, 1984, p. 56)

Consiste, então, em um cuidado que pode ser desenvolvido e adquirido em diversos campos de nossa vida, de modo que não é uma simples preparação momentânea ou algo passageiro, mas uma forma de vida que se desenvolve em um grande processo necessário (FOUCAULT, 1982, p. 446) ao desenvolvimento da subjetividade humana de cada indivíduo.

Sendo esse um tema bem antigo ainda usufruído na cultura grega, a esse processo denominado como *Epimeleia Heautou* deve aplicar-se segundo a ideia de si próprio, isto é, ocupar-se consigo mesmo.

Por essa expressão é preciso entender que o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar

a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e elaboração de um saber (FOUCAULT, 1984, p. 50).

Todo esse caminhar de autocuidado tem uma forte relação com o termo *paraskeué*, de forma que não há como cuidar de si sem o exercício e a prática cotidiana do sujeito para consigo, sendo que também a *paraskeué* é o que se poderia chamar de uma preparação aberta e finalizada do próprio sujeito para com os acontecimentos e sua vida (FOUCAULT, 1982, p. 387). Ou seja, atividades que possibilitam ao ser um domínio de sua realidade, e que com todos os obstáculos e problemáticas presentes ele possa se integrar como um indivíduo livre e autônomo, muito embora, não seja um caminho fácil e rápido, pois exige uma grande experiência de si.

Nesse sentido, *paraskeué* é um conjunto de práticas e atividades exercidas em momentos necessários e que tem uma certa suficiência, tornando o ser mais forte do que tudo o que se possa ainda ocorrer ao logo de sua vida (FOUCAULT, 1982, p. 388). Foucault ainda considera que, o ato de exercitar essas ações em nossa existência, não deve ser um ato de ressentir o passado, mas de estruturar o percurso de transformação do sujeito em ações e discursos verdadeiros que o encoraje pelo exercício da vida (FOUCAULT, 1982, p. 394).

3.1 Encontro e aceitação do indivíduo no processo de subjetivação.

Conciliando práticas e atividades com o cuidado de si, o indivíduo homossexual, no qual se refere ao objeto de estudo, um encontro, afirmação e aceitação no processo de subjetivação. Sendo esse o ponto de chegada dessa elaboração processual que pode ser definido pelo indivíduo numa experiência de soberania sobre si próprio e que se amplia numa dominação de si, um gozo sem desejo e sem perturbação (FOUCAULT, 1984, p. 72).

Essa experiência de si que se realiza nessa posse de domínio não é exercida sobre uma soberania ou força prestes a se revoltar, mas a de um prazer para consigo mesmo, ou melhor, alguém que conseguiu, finalmente, ter acesso a si próprio sendo para si um objeto de prazer (FOUCAULT, 1984, p. 70).

Contudo, é de válida importância o introduzir-se do sujeito na sociedade, de maneira que a sua presença possa vir a contribuir para consigo nesse encontro de subjetivação, além de impulsionar tantas outras pessoas que são indagadas e se identifiquem nesse processo, sendo

esse um dos pontos mais importantes dessa atividade, pois ela não se constitui em um exercício da solidão, mas em uma verdadeira prática social (FOUCAULT, 1984, p. 57).

Todo esse caminhar culmina nesse converter-se a si e afastar-se das preocupações com o exterior, dos pensamentos alheios, do pudor perante os outros, dos cuidados com a ambição do temor diante do futuro. No entanto, pode-se e deve, então, voltar-se para o próprio passado, compilá-lo, passá-lo em revista e estabelecer com ele uma relação que nada perturbará (FOUCAULT, 1984, p. 70). Ou seja, entender que aquele ser que sempre foi reprimido e que sofria com tamanhos atos preconceituosos não tem culpa de sua identidade e subjetividade, pois, o desvio não se estabelece nele, mas na sociedade que em um determinado tempo – tempo esse que perdura até hoje – não se abre para o conhecimento, uma relação de compreensão e de respeito para com outro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que todos os mecanismos de opressão se permeiam e se estendem até os dias atuais, principalmente quando em nosso país, que está em primeiro lugar no ranque mundial de países que mais matam LGBTs e que, de acordo com a pesquisa realizada pelo GGB (Grupo Gay da Bahia), um homossexual é morto (assassinatos e suicídios) a cada 23 horas no Brasil por conta da homofobia e cerca de 70% dos casos dos assassinatos de pessoas LGBTs ficam impunes. Ou seja, quando se retrata das minorias do nosso país como a comunidade LGBTQIA+, na qual o sujeito homossexual é incluído e se faz participante desse movimento, a sua própria existência pode ser tirada de forma grotesca e inesperada.

Por isso a necessidade e urgência de se discutir e se criar meios e exercícios que facilitem o processo de aceitação de si que corresponde ao referencial teórico utilizado nesta pesquisa, que são *epimeleia heautou* – cuidado de si e *paraskeué* – exercícios e atividades de acordo com o pensamento de Michel Foucault. Visando possibilitar ao sujeito homossexual um olhar para si mesmo, não um olhar carregado de angústias e preconceitos e sim de encontro, satisfação e prazer por ser quem é.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. (1984). **História da Sexualidade I: a vontade de saber** (M. T. da Costa Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque, Trads). Rio de Janeiro: Graal.

_____. (1988). **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres** (M. T. da Costa Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque, Trad). Rio de Janeiro: Graal.

_____. (1998). **História da Sexualidade III: o cuidado de si** (M. T. da Costa Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque, Trad). Rio de Janeiro: Graal.

_____. (1982). **Hermenêutica do sujeito** (8. ed.), (M. T. da Costa Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque, Trad). Rio de Janeiro: Graal.